

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.090

REPENSANDO A PRÓPRIA TRANSIÇÃO DE LICENCIANDOS A PROFESSORES: UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE BOLSISTAS DO PIBID (2011-2013) E SEU IMPACTO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

WALTER JOSÉ MOREIRA DIAS JUNIOR

Mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), waltermoreiradias@gmail.com;

ANDRÉ ALBORETTI

Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), andre.alboretti@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho tem como origem dois relatórios de atividades elaborados em 2013 para a conclusão de um ciclo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). À época, estávamos finalizando a licenciatura na Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrávamos o primeiro grupo de estudantes do subprojeto de História da instituição, financiado pela CAPES e orientado pelo Prof. Manuel Rolph. Durante dois anos, entre 2011 e 2013, tivemos a oportunidade de lidar com os desafios que permeiam o âmbito escolar ao atuarmos no Colégio Estadual Manuel de Abreu, na cidade de Niterói/RJ, sob a supervisão do Prof. Arthur Bandeira. Passada uma década, decidimos revisitar tanto o que fora escrito no fim da graduação quanto a própria experiência de bolsistas como um todo – mas agora na condição de professores que já dispõem de uma rica vivência em sala de aula. Assim, primeiramente, será apresentada uma reflexão sobre as iniciativas que desenvolvemos há dez anos, como a regência de aulas, a organização de palestras com convidados ilustres e a realização de visitas a pontos históricos, para, em seguida, pensarmos sobre a construção da nossa identidade docente. Nesse contexto, ressaltaremos a importância do PIBID para a *trans/formação* (ANDRADE, 2017) dos participantes, pois ali ocorria um movimento circular de formação. Afinal, enquanto os bolsistas puderam dar início ao processo de formação docente, os professores – o supervisor na escola pública e o orientador na

universidade –, por outro lado, tiveram uma oportunidade ímpar de formação continuada, o que conferiu ao projeto, portanto, um protagonismo que foi partilhado entre os seus mais diversos integrantes.

Palavras-chave: Formação de Professores, PIBID, Universidade, Educação Pública, Iniciação à Docência

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e implementado no curso de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) em junho de 2011, possuía duas grandes demandas entre os seus objetivos.

Primeiramente, o projeto visava à aproximação dos licenciandos tanto com a realidade do ensino público brasileiro quanto com os desafios que envolvem a prática docente. Afinal, naquela época, para além das disciplinas pedagógicas oferecidas pela Faculdade de Educação, os graduandos acabavam contando com oportunidades escassas para se familiarizarem com as questões relativas ao magistério.

Em segundo lugar, haveria a possibilidade de promover uma interação do saber escolar com o acadêmico, os quais detém as suas particularidades. Assim, a partir da ligação entre esses dois eixos (escola e universidade), o Programa propiciava um ambiente de aprendizado até então inédito para os futuros professores de História, visto que:

Se é verdade que a experiência do trabalho docente exige um domínio cognitivo e instrumental da função, ela também exige uma socialização na profissão e em uma vivência profissional através das quais se constrói e se experimenta pouco a pouco uma identidade profissional, onde entram em jogo elementos emocionais, relacionais e simbólicos que permitem que um indivíduo se considere e viva como um professor e assuma, assim, subjetivamente e objetivamente, o fato de fazer carreira no magistério. (TARDIFF e RAYMOND, 2000, p. 238-239)

Desse modo, fomos designados para atuar no Colégio Estadual Manuel de Abreu (Rua Lopes Trovão, 287, Icaraí – Niterói/RJ), onde procuramos fazer um levantamento com as primeiras impressões não somente em relação à instituição (abarcando sua estrutura física, funcionários e diretrizes), mas também sobre seus alunos - quem eram e quais seriam os seus interesses. Tratava-se de uma investigação que traria informações valiosas para a viabilização de atividades posteriores.

Adiante, ao passarmos um significativo tempo em sala sob a supervisão do professor da casa Arthur Bandeira, percebemos que muitas ideias debatidas nas lições de História careciam de uma aplicação prática, que fosse capaz de mobilizar o universo dos estudantes, algo que já havia sido detectado pelo próprio Arthur. E como outra de nossas pautas na condição de bolsistas era justamente contribuir

para a formação de sujeitos críticos, que pudessem transformar os seus conhecimentos em benefícios para todos, deveríamos buscar estratégias que ajudassem a dinamizar aquele ensino de História, dotando-o de sentido.

O reduzido espaço do qual o colégio dispõe, entretanto, converteu-se em um verdadeiro obstáculo para a implantação/expansão de propostas lúdicas no contraturno, como a exibição de filmes seguidos da realização de debates, por exemplo. Nesse caso, diante de um reduzido número de salas, a alternativa então seria transpassar os muros da escola e investir em visitas a pontos históricos das cidades de Niterói e do Rio de Janeiro. Uma tarefa tão gratificante quanto árdua, que envolveu planejamento didático (quais lugares frequentar, porque eles foram escolhidos, que turmas poderiam ser levadas e quais conteúdos seriam instrumentalizados), logística (do contato com o estabelecimento até a contratação do transporte, passando pelas etapas de agendamento) e diálogo com a direção.

Portanto, a problemática deste trabalho reside, por um lado, em apresentar um balanço das conquistas do subprojeto de História do PIBID que operou entre os anos de 2011 e 2013 no Colégio Estadual Manuel de Abreu, com a organização de aulas diversificadas, excursões e palestras. Por outro, agora desfrutando de uma sólida vivência de quase dez anos como profissionais da Educação Básica, procuramos fornecer uma reflexão acerca da importância de tal experiência para a afirmação da nossa identidade enquanto professores.

METODOLOGIA

Em termos teóricos, a principal referência que nos ajudou a embasar as atividades do PIBID foi o professor António Nóvoa (2007), da Universidade de Lisboa. A partir de sua obra "O regresso dos professores" – texto que fora selecionado para inaugurar as discussões entre os participantes do subprojeto de História que se encontravam sob a orientação do professor Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras –, foi possível visualizar que a difusão de novas tecnologias proporciona uma diversidade tão grande de métodos de ensino que acaba não se limitando à existência de um modelo unívoco, tradicional.

Ao colocar os professores no centro de sua problematização, Nóvoa afirma que há inúmeras práticas a serem utilizadas nas escolas que a maioria deles desconhece, o que evidencia uma lacuna na formação docente. Em suas palavras:

“é preciso passar a formação de professores para dentro da profissão’ (...). Ao recorrer a esta expressão, quero sublinhar a necessidade dos professores terem um lugar predominante na formação dos seus pares. Não haverá nenhuma mudança significativa se ‘a comunidade dos formadores de professores’ e ‘a comunidade dos professores’ não se tornarem mais permeáveis e imbricadas”. (NÓVOA, 2007, p.5-6)

Assim, para os licenciandos, o contato com a sala de aula ao longo da graduação se torna indispensável por duas questões: o seu encontro com a realidade da escola pública e a oportunidade de desenvolver metodologias que viabilizem um processo educacional mais eficiente. Trata-se de uma perspectiva de atuação/formação que permeou toda a trajetória do PIBID, pois:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1992, s/p)

Logo, enquanto ainda éramos graduandos e estávamos em uma etapa inicial de construção da identidade docente, enxergamo-nos com papéis relevantes para refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem nas aulas que acompanhávamos, com a possibilidade de propor ideias que poderiam aproximar a disciplina de História da vida dos estudantes. Desse modo, nossas ações consistiram na realização de passeios, rompendo com a formalidade do ambiente escolar, na organização de palestras, fazendo com que os estudantes entrassem em contato com outros tipos de saberes oferecidos por convidados que também portavam um alto grau de conhecimento, e na montagem de apresentações interativas, com vídeos e slides, trazendo para a sala os temas de interesse dos próprios jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos uma retrospectiva do trabalho que desenvolvemos enquanto bolsistas. Como já dito anteriormente, o ingresso no PIBID foi o momento em que pudemos dar os primeiros passos na docência, proporcionando-nos o alcance gradual dos três gêneros do conhecimento que são abordados por Nóvoa (2019):

A entrada de um professor impreparado na sala de aula, coloca-o perante uma série de relações externas, marcadas pelo comportamento dos seus alunos e por reações involuntárias. É o primeiro género de conhecimento. Ao dominar o ritmo da sala de aula, as relações que a compõem, o professor acede ao segundo género de conhecimento. A capacidade de compreender a “essência” do ensino, e ser capaz de a explicar, representa o terceiro género de conhecimento. (p.204)

A revisão dos dois relatórios escritos por outrora licenciandos despertou memórias e a possibilidade de refletirmos não somente sobre como aquele cotidiano que misturava atuação e formação docente ajudou a moldar a nossa identidade profissional, mas também como a experiência que acumulamos ao longo do processo nos influenciou. Afinal:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27)

Assim, nas nove subdivisões a seguir, elencaremos as principais conquistas que obtivemos entre 2011 e 2013, as quais foram marcantes em nossas trajetórias tanto como professores em formação quanto sujeitos históricos.

A) AS PALESTRAS

Em maio e setembro de 2012, realizamos palestras do então Professor Titular de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, Daniel Aarão Reis Filho, para os alunos do Ensino Médio no auditório do C.E. Manuel de Abreu.

Abordando como temáticas o Nazismo e, posteriormente, o Holocausto, acreditamos que esses foram momentos enriquecedores para ambas as partes: os jovens desfrutaram da oportunidade de aprender com a explanação de uma referência de pesquisa na área de História e o professor universitário, por sua vez, pôde entrar em contato com a realidade do ensino público. Uma experiência que poderia (tal como ocorreu com os bolsistas) ressignificar a sua própria prática em sala de aula, visto que a maioria dos seus estudantes na graduação também teria grandes chances de trilhar um caminho de atuação na Educação Básica. Desse modo, os saberes acadêmico e escolar finalmente puderam dialogar.

Fig. 1 – Walter Moreira, Manuel Rolph, Arthur Bandeira, Daniel Aarão e André Alboretti após a 1ª palestra realizada; 2ª palestra realizada pelo Prof. Daniel Aarão



Fonte: Arquivo pessoal – 17 de maio de 2012 e 03 de setembro de 2012

Articulada à segunda apresentação do professor Daniel Aarão, ocorreu a palestra de Aleksander Henry Laks, sobrevivente do campo de extermínio mais mortífero da Europa durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o de Auschwitz, na Polônia.

Apesar de ser o mais árduo, este também foi o mais emocionante dentre os inúmeros projetos desenvolvidos pelo PIBID. A ideia de convidar Aleksander Laks (1926-2015) para ministrar no C.E Manuel de Abreu uma de suas mundialmente conhecidas palestras surgiu em plena sala de aula, em meio às discussões com os estudantes da 3ª Série do Ensino Médio sobre a barbárie representada pelo Holocausto – o genocídio promovido pelos nazistas contra diversos grupos, entre eles, principalmente os judeus.

Fig. 2 – Senhor Aleksander Henryk Laks relatando sua história de vida aos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal – 03 de setembro de 2012

Superando todas as dificuldades existentes, conseguimos fechar sua vinda ao colégio após um mês de conversas. Uma espera que valeu a pena, pois, além de expor todo o seu vasto conhecimento sobre a guerra, ele demonstrou aos alunos o quão importantes devem ser paixão pela vida e pelo conhecimento. Um relato que durou apenas duas horas, mas que com certeza ficará para sempre nos corações daqueles jovens. As lições passadas naquela manhã não podem ser conferidas em nenhum livro, visto que são reflexões acompanhadas de sentimentos, tal como a vida exige.

B) AS AULAS INTERATIVAS E UMA NOVA APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA

Por meio da utilização de vídeos e imagens, buscávamos expor aos nossos estudantes uma abordagem diferenciada sobre os conteúdos, apresentando-lhes a matéria por outra perspectiva. Com diversos meios para explicar o século XX (histórias em quadrinhos para abordar a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, ou os mangás para darem conta da Guerra Fria no Extremo Oriente) e as relações étnico-raciais – utilizando o basquete, o futebol e o rugby para demonstrar como o sujeito negro conseguiu o seu espaço em diversas sociedades por meio do esporte) –, o resultado foram aulas dinâmicas e de mão-dupla, com participação ativa dos alunos. Procurando aliar o máximo de conhecimentos da escola e da Academia, sempre com a preocupação de apresentá-los de modo didático, a síntese dessas pesquisas foi muito bem recebida pelos estudantes terceiranistas, podendo, inclusive, ser trabalhada em outras séries, como o 9º Ano do Ensino Fundamental.

Fig. 3 – Slides produzidos para as aulas temáticas



Fonte: Arquivo pessoal

C) EXCURSÕES PEDAGÓGICAS À UNIVERSIDADE

Em nossa primeira atividade extraclasse programada para 2012, levamos em 15 de maio daquele ano, cerca de trinta estudantes terceiranistas para conhecerem algumas das instalações da Universidade Federal Fluminense (UFF), no campus do Gragoatá, em Niterói – visando à familiarização dos mesmos com o funcionamento do Ensino Superior, próxima etapa da sua educação. Tomando como foco a Biblioteca Central, os jovens tiveram a oportunidade de estar num espaço que também pertence a eles, onde há livre acesso para que desfrutassem das obras do seu riquíssimo acervo. Em outra vertente, eles conferiram de perto a estrutura das salas de aula da faculdade. Uma experiência que, além de fazer a ligação escola/universidade – uma clara demanda do projeto –, serviu para motivar os alunos na busca pelo Ensino Superior público de qualidade.

Fig. 4 – Aula de André Alboretti no auditório Macunaíma (03/06/2013)



Fonte: Arquivo pessoal

No ano seguinte, em 03 de junho de 2013, voltamos à UFF para mais uma visita, mas em moldes bem diferentes. Levando dessa vez duas turmas da 3ª Série do Ensino Médio (aproximadamente sessenta estudantes, o dobro de alunos da primeira excursão), aproveitamos ainda mais a presença na faculdade ao organizarmos as aulas interativas sobre o Século XX – quadrinhos e cultura japonesa – no auditório Macunaíma, pertencente ao Instituto de Letras, onde dispomos de um amplo espaço e toda a logística necessária para a exibição dos vídeos e imagens.

Outra experiência que proporcionaria aos alunos se relacionarem intimamente com o ambiente acadêmico, além de propiciar o enriquecimento da nossa formação docente.

D) PASSEIOS PEDAGÓGICOS PARA O MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (MNMSGM)

Em 22 de agosto de 2012, levamos duas turmas do 3º ano do E.M para conhecerem o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. Dialogando com o Monumento – um mausoléu que guarda os corpos dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) mortos durante a campanha na Itália, no âmbito da Segunda Guerra Mundial –, os estudantes poderiam entender melhor a realidade e as implicações do embate no Brasil, único Estado da América do Sul a enviar tropas à Europa para combater os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Assim, partindo de Niterói rumo ao Rio de Janeiro via barca, aportamos na Praça XV, onde iniciamos uma caminhada até o Aterro do Flamengo que se mostrou uma aula de História à parte. Em primeiro lugar, ainda na Praça, observamos o chafariz do Mestre Valentim, local exato em que a Família Real Portuguesa desembarcou em março de 1808, fixando a nova sede do seu Império Ultramarino na cidade do Rio e conferindo ao Brasil outra condição política e econômica.

Mais à frente, andando pela Avenida Rio Branco, uma das mais imponentes da região, explicamos os primeiros anos do período republicano. Sua construção (batizada no início do século XX com o nome de Avenida Central) se insere no contexto das reformas do prefeito Francisco Pereira Passos, que visava transformar o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, numa cidade com ares de “civilização” – derrubando cortiços e removendo moradores pobres do Centro. Ao fim da Avenida, os estudantes se depararam com uma joia arquitetônica da época, o Theatro Municipal, inaugurado em 1909, símbolo dos novos tempos trazidos pela República.

Fig. 5 – Mosaico de fotos: Estudantes no Palácio Tiradentes; Estudantes no MNMSGM; Walter, Arthur e André no MNMSGM



Fonte: Arquivo pessoal - 05 de julho de 2013

Agora, uma vez no MNMSGM, o trabalho com fotos, armas e trajes dos soldados brasileiros que estavam expostos ao público convidou os estudantes a fazerem novas reflexões sobre o conflito. Logo, o que a princípio residia na intenção de ajudar os alunos a fixarem as questões debatidas referentes ao maior conflito armado da História, como participação do Brasil na luta contra o nazismo, acabou propiciando a oportunidade de muitos outros conteúdos serem trabalhados paralelamente.

E do mesmo modo que ocorrera com a experiência na UFF, no ano seguinte expandimos nossas atividades no MNMSGM, levando não somente duas, mas todas as quatro turmas da 3ª Série do E.M – em julho e setembro de 2013. Além dessa conquista, também elaboramos um novo tour pelo Rio de Janeiro, considerando o momento histórico vivido pela cidade e pelo país, que em meados daquele ano se tornaram palcos de inúmeras manifestações que reivindicavam melhorias em áreas como saúde, transporte e educação.

Alvos de constantes protestos, passamos pela então sede da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e pela Câmara Municipal, onde, mais do que as marcas da depredação, os alunos interagiram com ativistas que clamavam por um governo mais transparente e comprometido com os anseios da população. Assim, os estudantes puderam tirar as suas próprias conclusões sobre esses tais movimentos sociais, despertando o seu senso crítico.

E) PASSEIOS PEDAGÓGICOS PARA AS FORTIFICAÇÕES HISTÓRICAS DE NITERÓI

Entre outubro e novembro de 2012, levamos cinco turmas da 1ª Série e três da 3ª Série do E.M. do C.E. Manuel de Abreu para aulas ao ar livre na Fortaleza de Santa Cruz da Barra e no Forte Barão do Rio Branco, ambos em Jurujuba, Niterói. Tendo em vista que o êxito do processo de ensino de História também se dá fora da sala de aula, no encontro dos alunos com a realidade, essas visitas consistiam em uma oportunidade ímpar para fazê-los pensar, principalmente, sobre a condição do Brasil enquanto colônia.

Como até meados do século XVI o Rio de Janeiro ainda não era uma terra fixada pelo colonizador português, a região acabou se tornando cobiçada por outras coroas, como a francesa – que já tentara a instalação de uma colônia no Rio, a França Antártica (1555-1560). Com isso, o erguimento de pontos militares ao longo da Baía de Guanabara se tornou imprescindível para a defesa da área.

Logo, a meta da visita dos alunos da 1ª Série do E.M (que viam o conteúdo de História voltado justamente para a Colônia) às fortificações era um verdadeiro convite à reflexão sobre o quão importante seria o papel que o Rio poderia desempenhar no funcionamento da metrópole portuguesa. Por outro lado, os estudantes puderam conhecer um pouco melhor a história da sua própria cidade, Niterói.

Já para os estudantes terceiranistas, o foco de suas observações era o Forte Rio Branco. Sempre contando com o incentivo do então major Eduardo Vasconcelos, relações-públicas da fortificação, estudante do curso de História da UFF do e um dos nossos maiores parceiros no projeto, os alunos puderam visitar os Fortes São Luiz e do Pico, que também fazem parte do complexo do Rio Branco – onde é possível desfrutar de uma belíssima paisagem.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Rio Branco desempenhou uma função estratégica na defesa do território brasileiro. De lá, partiram alguns dos combatentes

da FEB rumo à Itália (grupo conhecido como *Monte Bastione*). Além disso, nos fortes acima, São Luiz e do Pico, foram instaladas baterias antiaéreas, em caso de um possível bombardeio alemão ao então Distrito Federal. Tal como na ida ao Monumento aos Pracinhas, o posicionamento do Brasil durante a guerra poderia ser entendido melhor.

Fig. 6 – Mosaico de fotos: Vista da Fortaleza de Santa Cruz; Estudantes na Fortaleza de Santa Cruz; Estudantes no Forte do Pico; Vista do alto do Forte do Pico



Fonte: Arquivo pessoal

De um modo geral, as visitas tanto ao Forte Rio Branco quanto à Fortaleza de Santa Cruz forneceram aos estudantes um panorama de como era a vida há pouco mais quatro séculos, sendo uma herança deixada pelos personagens históricos que viveram no início da construção do país. Além do complemento às aulas expositivas, essa atividade induziu os alunos a produzirem um novo olhar de como se faz a História.

A ida às fortificações, no entanto, não teria sido possível sem o apoio financeiro do PIBID. Até aquele momento, as visitas à UFF e ao MNMSGM haviam sido promovidas via transporte público (ônibus e barca). Porém, para deslocar tantas turmas de uma só vez, seria necessário o fretamento de ônibus. Assim, o nosso orientador, Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras, entrou em contato com a coordenadora do programa, que nos disponibilizou um transporte de qualidade para levarmos os alunos em segurança até Jurujuba. Desse modo, em 2013, pudemos expandir essa excursão, levando todas as quatro turmas da 3ª Série do Ensino Médio para o Forte Rio Branco.

F) PASSEIOS PEDAGÓGICOS PARA O PALÁCIO TIRADENTES

No último passeio de 2012, em novembro, os alunos terceiranista tiveram a oportunidade de conhecer o Palácio Tiradentes, que abrigou a sede da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) até 2021 – visando à aproximação dos jovens com o funcionamento da máquina burocrática brasileira, além de atentarmos para o seu papel enquanto cidadãos. Contando com um suporte maciço da Casa, que disponibilizou ônibus e alimentação para os alunos, eles puderam testemunhar o cotidiano da política partidária no estado.

Por meio de um passeio pelo histórico Palácio, antiga Câmara Federal e cenário de boa parte da história do Brasil República, os estudantes perceberam que estavam diante de um local constituído por eles, onde acontecia a cidadania. Em outra vertente, passeando pelo Centro do Rio, houve a possibilidade de abordar outros monumentos históricos, explicando a sua origem e importância para a cidade.

Em março e novembro de 2013, levamos mais uma vez a 3ª Série do E.M. A última ida, aliás, realizada no fim daquele ano, foi muito especial, transformando-se numa atividade que ajudou os estudantes a refletirem sobre o momento que o Brasil testemunhava. Afinal, com as manifestações populares que marcaram 2013, o trabalho dos deputados no âmbito da ALERJ, um dos alvos das reivindicações, pôde ser discutido e analisado com mais rigor.

G) PASSEIOS PEDAGÓGICOS PARA MUSEUS

Levando alunos de todas as séries do Ensino Médio para conhecerem os museus, esta prática constituiu mais uma oportunidade para enriquecer o ensino de História – visto que os alunos se deparavam novamente com uma realidade longínqua, conhecida somente por meio dos livros. As instituições oferecem uma verdadeira viagem ao tempo, preservando elementos que contam a História da Humanidade.

Como, por exemplo, a coleção de canhões da Guerra do Paraguai (1865-1870), exibida no Museu Histórico Nacional, que pôde ser utilizada para fazer com que os estudantes entendessem melhor o duro cotidiano do confronto mais sangrento do continente sul-americano. Ou a coleção de embarcações utilizadas durante o período das Grandes Navegações, disponíveis no Museu Naval, que dão conta das dificuldades e da precariedade enfrentada pelos europeus para alcançarem a América.

Fig. 7 – Mosaico de fotos: Estudantes no Museu Histórico Nacional; Estudantes na estação das Barcas



Fonte: Arquivo pessoal

A ida ao Museu Nacional, posteriormente destruído em 2018 em decorrência de um incêndio, também foi muito celebrada, pois permitiu a interdisciplinaridade com a Geografia e a Biologia. Apresentando parte da História Natural do mundo, os alunos também puderam conceber a evolução da Terra e das inúmeras sociedades que caminharam por ela.

H) CONTABILIZAÇÃO DAS ATIVIDADES EXTRACLASSE REALIZADAS

Abaixo apresentamos a totalização das atividades extramuros que realizamos durante a vigência do Projeto:

Fig. 8 – Quadro demonstrativo das visitas pedagógicas

Ano	Lugares visitados	Total de visitas
2011	Câmara Municipal de Niterói e Fortaleza de Santa Cruz da Barra.	2
2012	UFF, Monumento aos Pracinhas, Fortaleza de Santa Cruz da Barra (2), Forte Barão do Rio Branco (2) e Palácio Tiradentes.	7
2013	UFF, Monumento aos Pracinhas (2), Forte Rio Branco (2), Palácio Tiradentes (2), Museu Nacional da UFRJ, Museu Histórico Nacional (3) e Museu da Marinha.	12

Fonte: Autoria própria dos autores

I) RECONHECIMENTO E DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES

Em outubro de 2012, chamando a atenção dos avaliadores da X Mostra de Iniciação à Docência (MID) da Universidade Federal Fluminense, o trabalho realizado no Colégio Estadual Manuel de Abreu foi agraciado com uma menção honrosa durante o evento. Mas isso seria só o começo.

Fig. 9 - Cerimônia de premiação da MID 2012: André, Arthur, Walter e Manuel Rolph



Fonte: Arquivo pessoal – 22 de outubro de 2012

Com a visita à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em março de 2013, uma das inúmeras excursões que ocorreram durante o projeto, nossos alunos estamparam a capa do Jornal da ALERJ, o que também chamou a atenção do próprio Governo do Estado.

Fig. 10 – Visita à ALERJ e repercussão no site da SEEDUC/RJ



PIBID em Niterói leva alunos do Ensino Médio para aulas práticas

23/05/13

Como parte das atividades propostas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de História, do Colégio Estadual Manuel de Abreu, em Niterói, o professor e supervisor da disciplina no projeto, Arthur Bandeira de Oliveira, levou seus alunos do Ensino Médio a uma visita guiada à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), no Palácio Tiradentes.

- Essa visita proporcionou aos estudantes o entendimento e a importância do acesso aos locais marcantes e significativos para a vida pública. Naturalmente, a ALERJ passou a ser, durante esses três anos de existência do projeto na escola, um dos principais pontos de visitas agendadas. Este passeio acontece, principalmente, para os jovens da 3ª série do Ensino Médio, que estão inseridos de imediato no processo de cidadania. Eles precisam entender e inventar esse importante e tradicional local de decisões da política republicana nacional no passado e atual sede do Legislativo Estadual – explicou Arthur Bandeira.

Os passeios organizados pelo professor Arthur e bolsistas do programa, da Universidade Federal Fluminense (UFF), não se resumem somente à ALERJ. Outros lugares, como a Fortaleza de Santa Cruz, o Forte de São Luís, o Monumento aos Pracinhas da 2ª Guerra Mundial e o Museu Histórico Nacional também entram na programação.

- Todas essas visitas são encaixadas no contexto do Currículo Mínimo, a fim de maximizar os objetivos educacionais práticos. Essas aulas valorizaram e fortaleceram o entendimento da disciplina – disse o professor.

PIBID

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa do Ministério da Educação e gerenciado pela Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Hoje, o projeto conta com a parceria da Secretaria de Estado de Educação e uma das unidades beneficiadas é o Colégio Estadual Manuel de Abreu, em Niterói, por intermédio de alunos bolsistas da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Fonte: Arquivo pessoal

O site Conexão Professor, da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC), promoveu uma matéria sobre as realizações do PIBID no C.E Manuel de Abreu, entrevistando o professor Arthur Bandeira. Essa publicação conferiu ao projeto ainda mais legitimidade para além dos muros acadêmicos e escolares, bem como ampliou a divulgação de suas atividades que estimulavam os jovens a frequentarem e participarem dos espaços culturais e políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste artigo foi destacar como todas as vivências propiciadas pelo PIBID, mesmo passados dez anos, deixaram profundas marcas em nós, professores. A partir do momento em que revisitamos aqueles relatórios escritos no fim da licenciatura, foi possível redimensionar a noção de tempo e de como a experiência de bolsistas auxiliou a nossa formação profissional. Algo que deve ser levado em consideração, pois:

Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. (LARROSA BONDÍA, 2002, p.23)

E apesar da correria atual, em que lidamos com extensas cargas horárias em sala de aula, o tempo dedicado para construir este trabalho nos deu a chance de refletir tanto sobre a nossa prática quanto a formação inicial que experimentamos. Tal momento foi imprescindível para refletirmos sobre a bagagem que o PIBID nos proporcionou naquela época e até mesmo as questões que o nosso ofício enfrenta no presente, afinal, como Goodson (2022, p.37) afirma:

A formação e as experiências de vida obviamente são ingredientes fundamentais da pessoa que somos, do nosso sentido de individualidade. À medida que investimos a nossa "individualidade em nosso ensino, a

experiência e a formação formatam a nossa prática". (GOODSON, 2022, p.37)

Buscamos destrinchar a rotina das atividades desenvolvidas no âmbito do programa e como elas nos auxiliaram decisivamente no processo de formação inicial enquanto professores, ao mesmo tempo que os professores envolvidos, tanto os da escola pública como os da universidade, também efetivaram uma formação continuada em suas trajetórias. Assim, o Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência se constituiu como um:

"movimento de ações recíprocas entre os sujeitos corresponde o sentido de se dizer que o PIBID consiste num movimento de *trans/formação*, ou de protagonismo compartilhado, reconhecendo as múltiplas formas pelas quais cada qual assume suas responsabilidades e seu compromisso com esse contexto formativo." (ANDRADE, 2017, p.97)

Por fim, concluímos este relato com uma eterna sensação de gratidão, cientes da diferença imensurável que os projetos de iniciação à docência podem fazer na vida daqueles que optam pelo magistério como caminho – ainda mais em uma conjuntura em que a procura pelos cursos de licenciatura tem caído sistematicamente. O alcance do êxito em sala de aula, tanto em termos de desenvolvimento dos professores quanto a própria transformação social dos estudantes, é um desafio constante, e sabemos que graças ao PIBID a nossa missão se tornou menos árdua, porém mais doce.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Everardo Paiva de. Memórias sentimentais (e críticas) de um programa de iniciação à docência: o ponto de vista do PIBID História UFF 2014. In: **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 2, nº 3. Rio de Janeiro (RJ): UERJ/FFP, UFRRJ/IM-IE e UNIRIO. Out.-jan. 2017. p. 84-99.

GOODSON, Ivor. **A vida e o trabalho docente**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 2022.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19. Jan.-abr. 2002. p. 20-28.

NÓVOA, António. **O regresso dos professores**. Conferência Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida, 2007.

_____. "Os professores e a sua formação". In: **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33

TARDIF, Maurice e RAYMOND, Danielle. "Saberes, tempo e aprendizagem no magistério". In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº73, Dezembro/2000 – pp.209-244.